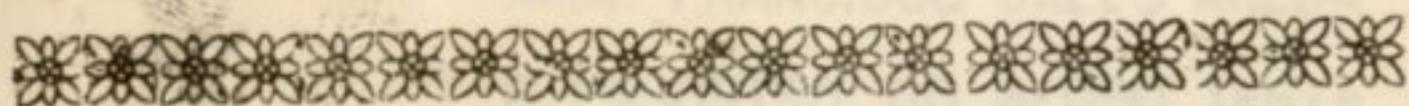


O ENCONTRO DO NEGRO TESTA DE ACO E O BAMBÁ DO SERIDO



AUTOR

FRANCISCO

SALES

IRÊDA



Autor: FRANCISCO SALES ARÊDA
O ENCONTRO DO NEGRO TESTA
DE AÇO COM O BAMBA DO
SERIDÓ.

No fim do seculo dezoito
Quando o cangacerismo
Emplantava pelo Norte
O horror do terrorismo
Arrastando muitas vidas
Para face do abismo

Foi nesse tempo que dava-se
Crimes de toda maneira
Assaltos de emboscada
Era triste a bagaceira
Causada pelos bandidos
Sem proteção verdadeira

Os fazendeiros do Norte
Sofriam sem ter descanso
Emboscadas perigosa
Dos bandidos em avanço
Que viviam todo dia
Jogando tremendo lançaço

Nesse tempo existia
Um negro de mal destino
Bruto perverso e macabro
Desde muito pequenino
Que ele se transformou
Ladrão valente assassino

No vale do Jaguaribe
Esse negro nasceu lá
Criou-se sem pai e mãe
Essa grande fera má
Só praticando miséria
Nos sertões do Ceará

Todo mundo respeitava
O negro cheio de embaraço
Vaga-budo e atrevido
Perverso ladrão e falso
Era por todos conhecido
O negro testa de aço

Por onde ele passava
Levava tudo de eito
Matava quem lhe enfrentasse
Cravando o punhal no peito
Entrava nas residencias
Faltando com o respeito

Arrombava sem temer
Atacava na estrada
Dava surra em fazendeiro
Levava mulher cazada
Fazia o que entendia
Nessa vida depravada

Quando dizia lá vem
Testa de Aço o bandido
As moças se escondiam
Mulher deixava o marido
Tinha homem que pasava
Dois 3 dias escondido

Sua fama percorria
Por toda população
E por onde ele passava
Era pior que um cão
Com terrível hidrofobia
Mordendo sem compaixão

A policia se cançava
De cercar o bandoleiro
Mas ele alem de valente
Macabro e muito ligeiro
Fugia da vista deles
Pra não deixar nem roteiro

Uma vez foi um sargento
Com 5 policias
Para trazer preso ou morto
Testa de Aço o audaz
Que estava na Ribeira
Virado no satanaz

Tinha entrado na fazenda
De Benidito Portéla
Pegou o velho e a velha
Sangrou os dois na guela
Na casa tinha 3 moças
Ele levou a mais bela

Fez o que bem entendeu
Com a jovem desvalida
Cortou seus longos cabelos
Depois da pobre perdida
Fez ela voltar pra casa
Completamente despida

Um sargento com os praças
 Sercaram testa de aço
 Mas ele rompeu o serco
 No meio daquele balaço
 Inda matou um soldado
 De outro quebrou um braço

Dessa vez ele saiu
 Na fazenda do Perreiro
 Tocou fogo nos sercados
 Atacou tomou dinheiro
 Andou mais de meia legua
 Montado no fazendeiro

E assim testa de aço
 Toda mizeria fazia
 Nas ribeiras que passava
 Todo pessoal temia
 Pois era triste a parada
 Onde o mizeravel ia

Deu mas de 200 suras
 O negro bruto e covarde
 Mulher cazada e moças
 Ninguém sabe a quantidade
 Que o monstro as devorou
 Com tremenda empiedade

De Jaguaribe a Iguatú
 Aracaty Taboleiro
 Todo mundo recuzava
 Encontrar o bandoleiro
 Que vivia como fera
 O capataz desordeiro

Mas vamos deixar aqui
 Testa de aço o bandido
 Insolente e depravado
 Por todo mundo temido
 Para tratar de um sujeito
 Que nunca engeitou partido
 Era um tal Francelino
 Um sujeito sarará
 O cabelo de taiôca
 Bigode de embúá
 Alto franzino circundo
 Banzeiro como Gambà
 Tinha os ombros descoidos
 Com um braço mais pequeno
 Os olhos grandes rasgado
 O olhar morto sereno
 Nariz longo descascado
 Faltava um grão pra veneno
 Na ribeira de Acari
 Parêlhas Serro Corà
 Ele remexia tudo
 Dando dia santo lá
 Sua volta era Piaca
 E cacête de Jucà
 Por toda ribeira ali
 Brigava de fazer dó
 Era um empata samba
 Acabador de forró
 Todo mundo lhe chamava !
 O Bamba do Séridó

Nem a policia queria
 Pegar questão com o Bamba
 Pois quem a ele enfrentasse
 Tinha que entrar na mutabam
 Enjuava do brinquêdo
 Era pezada a muamba

Com 4 ou cinco valentes
 Ele brigava sozinho
 Tinha distreza de gato
 Veloz como passarinho
 Que partisse contra a ele
 Ia quebrar o fucinho

Quem fizesse qualquer festa
 De jardim a Caicó
 Era pra comunicar
 Ao Bamba do Seridó
 Se não ele derretia
 Todo mundo no cipó

Assim a fama corria
 Por toda população
 Que o Bamba do Seridó
 Na luta era lampião
 Pra defender sua parte
 Enfrentava um Batalhão

Mas um dia se juntaram
 Na ribeira do jardim
 Cinco cablocos perversos
 Dos corações de Caim
 E foram encontrar o Bamba
 Pra dessa vez darle fim

O Bamba estava bebendo
 Na porta de um barracão
 Um dos cabras lhe falou
 Se previna seu ladrão
 Que hoje vai prezo ou morto
 E não quero ouvir razão

O Bamba soltou o copo
 No corpo fez um volteio
 Derrubou 3 na rasteira
 Pegou outro pelo meio
 Cravou-le o punhal no peito
 Prà começar o paleio

Um dos cabras arrastou
 Uma pistola comblè
 Más quando arrastou o dedo
 Ela quebrou catolé
 Esse o Bamba matou ele
 Somente de um ponta pé

Deu noutro uma punhalada
 Na ponta da espinhela
 Que quando arrastou o ferro
 Ele esticou a canela
 Derrubou outro e sangrou
 Na veia grossa da guela

Restava somente um
 O Bamba deule um supape
 Que foi cair num valado
 Espixado como sapo
 Ficou lá dentro da lama
 Tremendo e batendo o papo

O Bamba vendo a desgraça
 Que tinha se dado ali
 Disse consigo: adeus
 Currais Novos e Acari
 Que vou passar uns 10 anos
 Muito distante daqui

No mesmo dia deixou
 As aguas do Seridó
 Cortando serras e matas
 Atravessou Caicó
 Foi dormir com 5 dias
 Já depois de Mossoró

Dali seguiu com destino
 Ao Ceará verdadeiro
 Foi sair em Jaguaribe
 Onde lhe deram roteiro
 Do negro testa de Aço
 O perverso bandoleiro

O Bamba do Seridó
 Sabendo da confusão
 Do negro testa de aço
 O perverso malandrão
 Disse consigo: um dia
 Um de nós perde a ação

Eu seu contra o sujeito
 Que pratica crueldade
 Que mata sem precisão
 E que rouba a virgindade
 O Homem deve ser Homem.
 Havendo necessidade

Portanto agora mesmo ?
 Vou atrás desse ladrão
 E quando nós se encontrar
 Ele pode ser Sansão
 Se curvará nos pés
 Morre ou vai a prisão

Lhe aconselharam não vá
 Que o negro é desordeiro
 O Bamba disse só creio
 Que um valente é verdadeiro
 Se entrar comigo em luta
 E aguentar meu banzeiro

Esse negro vai saber
 Que O Bamba do Seridó
 Nunca respeitou valente
 Boato nem cococó
 E o remedio de um valente
 É outro no seu gogó

Nessa ora vem passando
 Um morador na carreira
 Gritando acuda meu povo
 Que o velho Zêca Ferreira
 Está nas unhas do negrão
 Já na ora derradeira

O Bamba ouvindo a estoria
 Que o negro testa de Aço
 Estava acabando tudo
 Ele seguiu no encalço
 Para abater o negrão
 Ou então virar bagaço

Sete oras da manhã
Na fazenda Gamileira
O negro testa de Aço
Agarrou Zéca Ferreira
Amarrou para sangra-lo
Em um mourão de porteira
Porem antes de sangra-lo
Entrou na casa primeiro
Agarrou uma filha dele
Como lâbo carniceiro
Tentando manchar-le a onra
Como enfeliz desordeiro
Más quando ia vencendo
Da linda jovem o pudor
Recebeu um contra-passo
Dado com tanto furor
Que saiu rasgando a terra
Como se fosse um trator
Se aprumando levantou-se
Sem saber quem o assoitou
E se firmando direito
Em frente a si avistou
Um vulto extraordinario
Que sem temer lhe falou
Renda-se negro bandido
Covarde vil e cretino
Que hoje entre nós dois
Està marcado o destino
Escapa quem for valente
Se lasca quem for mofino

O negro erguese nos peis
 E gritou sem embaraço
 Eu sou orgulho da raça
 Me chamo testa de aço
 Até hoje nesta vida
 O que quero fazer faço

E você seu amarelo
 De onde é que vem assim
 O Bamba lhe respondeu
 Sou um ente tão ruim
 Que ando em busca da morte
 E ela foge de mim

Sou mais duro do que aço
 Amargo mais que Giló
 O meu nome é respeitado
 Sou Bamba do Seridó
 E vou deixalo esmagado
 Como preá no Quixó

O negro disse: você
 Só foi Bamba até agora
 Sua fama de valente
 O meu poder o devora
 Sua materia se some
 A alma vira caapóra

O Bamba disse: só creio
 Que sua testa é de aço
 Se aguentar meia hora
 A marreta de meu braço
 Que nunca encontrou valente
 Pra não virar em bagaço

Ali os 2 se olharam
Como touros enraivados
E partiram como feras
De genios endiabrados
Os 2 punhais faiscavam
Como fuzis temperados

Na luta o negro gritava
Eu sou o testa de Aço
Meu punhal é batizado
Se chama quebra embaraço
E não tem Bamba que aguente
O manejo de meu braço

O Bamba gritou eu quero
Ver quem perde ou ganha a luta
Dê expansão a seu genio
Que honro minha conduta
Sò ganhará a medalha
O vencedor da disputa

No terreiro da fazenda
Se travaram nos punhais
O Bamba e testa de Aço
A dupla de satanaz
Pra defender sua parte
Cada um brigava mais

Começou chegando gente
Sugindo de todo lado
Lembraram o velho Zéca
Que ainda estava amarrado
Enquanto eles lutavam
No ferro branco alvejado

O Bamba não encontrava
 Com seu punhal o negrão
 Nem também era encontrado
 Naquela revolução
 Eram igualmente 2 raios
 No ribombar do trovão

Tinha mais de 20 Homens
 De foice pau e f cão
 Mas o Bamba disse a eles
 Ninguém toque neste cão
 Que lhe dou ja suas contas
 Pra deixar de ser ladrão

O Bamba lembrou-se ali
 De uma boa estratégia
 Deu 3 puls para traz
 E fazendo que caia
 O negrão aproveitou-se
 Porque não compreendia

Ele pensou agarrar
 O Bamba naquela ora
 Mas quando caiu no canto
 O bamba já estava fora
 Aproveitando o ensejo
 Deu-le um golpe sem demora

Com esse golpe o negrão
 Sentiu um forte cansaço
 O Bamba deu-le mais outro
 No fio do espinhaço
 Que ele caiu por terra
 Roncando como cachaço

Com um relho de couro cru
 Amarrou-o no mocotó
 Num galho de Barauna
 Fez o laço e deu um nó
 E disse, conheça negro
 O Bamba do Seridó

Depois dele pendurado
 Sangrou-o no nó da guela
 Aparou o sangue quente
 Bebeu mais de uma tigeta
 Quebrou os dentes e as pernas
 Braço, espinhaço e custela

O Bamba falou pra todos
 Este negro desgraçado
 Não ofende a mais ninguém
 E pra ficar bem vingado
 Vou tirar o couro dele
 Como bode pendurado

Regeitou-lhe pés e mãos
 Riscou o couro e tirou
 E os restos lá pendurado
 Na barauna ficou
 Despeijou álcool por cima
 Tocou fogo encendiou

Assim terminou a fama
 Do negro testa de aço
 Depois de ofender a tantos
 Com o seu maldito braço
 Transformou-se em fumaça
 Tangida pelo espaço

E o velho Zéca Ferreira
Disse ao Bamba sem demora
Seu moço lhe devo a vida
Por me defender na cra
O que precisar de mim
Pode se derpor agora

Creio que o senhor não veio
Me defender por dinheiro
Mas quero lhe dar um brinde
Como honrado fazendeiro
Pela brilhante defeza
De um amigo verdadeiro

Eu possuo duas fazendas
Gamileira e Livramento
E uma já lhe pertence
A parti deste momento
E sendo solteiro ganha
Minha filha a cazamento

Do senhor nada preciso
Disse o bamba sem cansaço
Pois a tempo que eu vinha
Atras do testa de aço
E sò hoje foi que ele
Veio cair no meu laço

Fiz o que pude em defeza
Contra o perverso negrão
Embora eu seja tambem
Homem mal e valentão
Mas sou contra o sujeito
Que desonra e é ladrão

Tudo que fiz foi por gosto
 Porque tambem sou ruim
 Mas não quero o que é seu
 Nem sua filha pra mim
 Porque todo homem mal
 E desgraçado seu fim

Defendi sua filhinha
 No mais triste desacato
 Mas vivo nesta miseria
 Cumprindo o destino ingrato
 Não quero que ela um dia
 Sofra por mim qualquer ato

Meu prazer é defender
 Aquele que sofrer so
 Fique empaz seja feliz
 È se haver qualquer nõ
 Pode procurar sem medo
 O Bamba do Sèridò

Assim o Bamba ficou
 Dando provas de homem forte
 Índá viveu muitos anos
 Cumprindo o rigor da sorte
 Morreu lá sem voltar mais
 Pro Rio Grande do Norte

Ficou-se testa de Aço
 Sua sentença foi crúa
 Vonde o Bamba passou
 Lembra-se a esteria sua
 Esse homem valoroso
 Seu nome ainda flutua. **FIM**

FOLHETERIA

JARDIM DA POESIA DO POETA

CLÉGARÍO FERNANDES DA
SILVA

RUA MARTINS FRANCISCO 95

ALTO DA BOA VISTA BAIRRÓ

SALGADO CARUARU PE